



DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

CLARISSA DE ASSIS LIMA

**OS VALORES FAMILIARES ANALISADOS NA OBRA O PRIMO
BASÍLIO**

GUARABIRA – PB

2013

CLARISSA DE ASSIS LIMA

**OS VALORES FAMILIARES ANALISADOS NA OBRA O PRIMO
BASÍLIO**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba, como uma das exigências para obtenção do título de licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Profa. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA – PB


2013

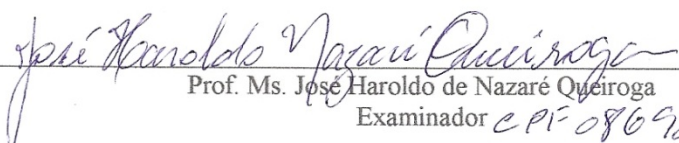
CLARISSA DE ASSIS LIMA

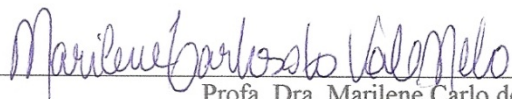
OS VALORES FAMILIARES ANALISADOS NA OBRA O PRIMO
BASÍLIO

Artigo apresentado à Coordenação do Curso
de Letras- Campus III, da Universidade
Estadual da Paraíba, como uma das exigências
para obtenção do grau de licenciada em Letras
- Português.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
Orientadora C.P.F 025-071.614-34


Prof. Ms. José Haroldo de Nazaré Queiroga
Examinador C.P.I-086936684-04


Prof. Dra. Marilene Carlo de Vale Melo
Examinadora 070852904.63

ada em 27/08/2013.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L245v Lima, Clarissa de Assis

Os valores analisados na obra O Primo Basílio /
Clarissa de Assis Lima. -- Guabira: UEPB, 2013.

18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lucena.

1. Valores Familiares 2. Literatura Portuguesa 3.
Valores Sociais I. Título.

22.ed. CDD P869.3

OS VALORES FAMILIARES ANALISADOS NA OBRA O PRIMO BASÍLIO

Clarissa de Assis Lima

RESUMO

Com o advento da modernidade muitos conceitos caíram em desuso e muitos costumes se tornaram obsoletos. Entretanto, existem células sociais que resistem desde os primórdios, ignorando o passar dos tempos. A família é uma instituição social a qual se forma por laços de parentesco, sangue ou aliança enfim, é uma das instituições que sobreviveram à passagem dos anos. Abordar as concepções de família, em diversas épocas e acompanhar o desenvolvimento dos valores familiares em uma obra literária consagrada há décadas, visualizar o prisma social familiar é o objetivo deste estudo. Para isso, tomamos como *corpus* o romance de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*. Esse livro é um romance de tese, de influência do meio sobre os personagens, que põe em destaque da célula familiar o casamento. Na reação dos personagens principais, comprovamos as mudanças de valores sociais, principalmente dos que remetem à família e aos costumes. Também, destacamos Eça de Queirós e sua inserção no Realismo no momento histórico-literário.

Palavras-chave: Família. Literatura. Sociedade. Valores.

1 INTRODUÇÃO

Sendo eu, leitora assídua de romances de época e contemporâneos, surgiu a ideia de contextualizar as transformações que a família sofreu durante esses tempos, e principalmente dentro do contexto de um dos erdos mais brilhantes de Eça de Queirós, de modo a eleger a obra *O Primo Basílio* para analisar a estrutura familiar da época e tecer comentários pertinentes à mais antiga instituição social do mundo: a família.

Reconhecendo a importância da família na sociedade, pode-se pensar, refletir e polemizar algumas questões que teimam em vir a mente: a família sempre foi da mesma forma que vemos hoje? Sabemos que alguns costumes de outrora sepultaram-se diante da modernidade do mundo, o que não queremos dizer que a família tem que perder valores; pelo contrário, os séculos vão-se passando e as instituições sociais têm que ficar de pé, consolidadas para que possamos continuar evoluindo.

Os contextos literários de épocas são ricos materiais para sabermos o que ocorreu em épocas passadas. Não pretendemos aqui, julgar a instituição familiar, e sim, através da literatura, mais particularmente na obra de Eça de Queirós *O Primo Basílio*, destacar, na sociedade ali retratada, costumes, valores e confrontá-los com os da sociedade contemporânea, quais são os mesmos de outrora, o que mudou ou é parecido na organização e estrutura familiar.

A escolha do livro *O Primo Basílio* para este estudo deve-se ao fato de seu enredo ser moralizador e questionador da família burguesa. O objetivo deste artigo é, portanto, analisar o comportamento das personagens que constituíam a família provinciana e lisboeta, representada por Jorge e Luísa, sobre essa tela pintada por Eça, que enxergava as coisas de maneira realista, sem máscaras.

Assim, este trabalho encontra-se subdividido em três momentos: um enfocando a família e sua estrutura através dos tempos, outro que se refere à família situada no contexto do Realismo de Eça, e as considerações finais. Neste estudo centraremos nossa atenção no modelo de "família burguesa" de ENGELS (1987) que, através de um de seus estudos, no livro, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, mostra a evolução da família, tendo como ponto de partida sua inclusão nas relações sociais e econômicas. Além de Engels, alicerçam este estudo Bruschini, Poster, e Moisés, teóricos que eu baseava nessas idéias e pensamentos.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com revisão bibliográfica de artigos, ensaios e comentários produzidos acerca da família em geral, e de modo mais restrito, a família lisboeta como a de *O Primo Basílio*, objeto da análise. Do material obtido, realizamos as leituras e discussões a seguir acerca do tema.

2 – A FAMÍLIA E A LITERATURA

2.1 O conceito de família

Família. Sabe-se que é a família a célula mais importante da sociedade, e através da qual se podem modificar todas as outras. A dificuldade em encontrar uma definição para o termo família reside nas várias transformações que esta instituição social vem sofrendo através da história. Um estudo sobre família tem de levar em consideração as diferentes leituras e suas formas de relacionamento nos diferentes momentos históricos

além de construir-se numa área de estudos multidisciplinar. A família não é 'uma', ela adquire formatos diversos:

"(...) o primeiro passo para estudar a família deveria ser o de dissolver sua aparência de naturalidade, percebendo-a como criação humana mutável e observando que as relações muitas vezes coincidentes que conhecemos atualmente entre grupo conjugal, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial, podem apresentar-se com instituições bastante diferenciadas em outras sociedades ou em diferentes momentos históricos". (BRUSCHINI 1993, p. 50)

O conceito de família, tal qual a concebemos, data da idade moderna, sendo importante frisar, que estamos falando da família ocidental moderna. Tal família, fruto do Iluminismo é caracterizada pelo predomínio dos valores democráticos e igualitários que tornou possível, pelo menos ao nível das aspirações, a ideia de igualdade e dos direitos individuais entre homens e mulheres.

Contudo, grande parte da literatura acerca da família trata muito mais da família burguesa e de seus valores do que de famílias pobres. Frequentemente tomam-se como universais tais valores, deixando de lado a grande contribuição do marxismo para o tema da família, qual seja o caráter historicamente determinado da análise da família como instituição social. Bellini (1999), ao comentar esta suposta universalidade do modelo de família patriarcal diz:

" O modelo de família de núcleo patriarcal é uma realidade para pouco mais de um quarto dos lares norte-americanos e a versão mais tradicional do patriarcalismo, ou seja, os lares de casais legalmente casados e com filhos em que o único provedor é o marido, enquanto que a esposa se dedica ao lar em tempo integral, a proporção cai para 7% do número total de lares..."(BELLINI, 1999. p. 261)

Partindo do pressuposto de que a família não é uma instituição natural, pois ela "adquire configurações diversificadas em torno de uma atividade de base biológica, a reprodução" segundo estudos de Poster e Bruschini (1998, p. 39); o modelo nuclear de família, que nos parece tão natural, só se consolidou por volta do século XVIII. Poster (1979, p.51) aponta em seus estudos da teoria crítica da família que há os seguintes modelos de famílias, de que resultou o núcleo familiar contemporâneo:

- a família aristocrática (séculos XVI e XVII);
- a família camponesa (séculos XVI e XVII);
- a família da classe trabalhadora (início da Revolução Industrial);

- a família burguesa (século XIX) e
- a família dos nossos dias.

Estes modelos contribuem para um posterior entendimento sobre a família atual. Para entendermos melhor a família dentro da obra *O Primo Basílio*, recorremos a Engels (1987) que mostra o aparecimento da família monogâmica como resultado do processo de apropriação do homem aos bens materiais, a propriedade privada. A família garantiria os bens pela transmissão da herança. A família,

"(...) baseia-se no domínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível, e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai. A família monogâmica diferencia-se do matrimônio sindiásmico por uma solidez muito maior dos laços conjugais, que já não podem ser rompidos por vontade de qualquer das partes. Agora, como regra, só o homem pode rompê-los e repudiar sua mulher". (1984, p. 66)

O modelo descrito por Engels traz inserida uma definição clara dos papéis: o pai sustenta a casa, a mãe cuida dos filhos (lar). A casa passa a ser um espaço privado, onde a mãe passa a cuidar de seus filhos, e os filhos passam a permanecer maior tempo nesse espaço.

Poster (1979, p.49) enfatiza que a família burguesa (nuclear) assumiu um papel intenso do ponto de vista emocional e da privacidade, com o passar dos tempos. O casamento começou a vir imbuído de romance e sentimentos. A divisão de papéis sexuais nas relações da família contribuiu para a perpetuação do modelo durante um bom tempo. "O marido era a autoridade dominante sobre a família, provia o sustento dela pelo trabalho na fábrica ou no mercado. A esposa, considerada menos racional e menos capaz, preocupava-se exclusivamente com o lar, que limpava e decorava" (*ibidem*, p. 190)

A nova estrutura da família burguesa gerou uma nova estrutura emocional: a mãe dedicava-se inteiramente aos filhos, amamentando-os, cuidando deles. O papel do pai na educação do filho era mínimo. Havia restrições ao prazer sexual da mulher fora do casamento. A família tornou-se um contexto de afeto e não de prazer sexual. Com

isso, o homem buscava prazer sexual com outras mulheres de classe inferior, fora do casamento.

Os estudos de Ariès (1981), que versam sobre a Família e sua estrutura, apresentam o surgimento da família burguesa (nuclear) através de um novo sentimento que surgia a partir do século XV e XVI. A iconografia apresenta de forma clara, através de suas pinturas e representações gráficas, o cenário onde podemos observar a evolução do "sentimento da família". Segundo Ariès, "este sentimento tão forte se formou em torno da família" composta por pai, mãe e filhos. (*idem, ibidem* p. 223) Surge no final de século XVI, uma forte tendência ao estabelecimento da vida privada da família, a intimidade na forma, fortalecendo os laços entre seus membros.

Do século XVII, Ariès cita dois fatores que despertam especial atenção, um quanto ao poder patriarcal nas uniões e o outro quanto aos primogênitos. O poder patriarcal era definidor quanto às intencionalidades das uniões, pois "quando se trata do casamento: ninguém pensava em contestar o poder dos pais nessa questão". (p. 54) Os casamentos arranjados continuavam a ser uma forma de manutenção e expansão patrimonial.

Se o Romantismo foi a apoteose do sentimento, o Realismo foi a anatomia do caráter. As características do Realismo estão intimamente ligadas ao momento histórico em que se insere esse movimento literário, refletindo, dessa forma, a postura do positivismo, do socialismo e do evolucionismo, com todas as suas variantes. Assim é que o objetivismo aparece como negação do subjetivismo romântico e nos mostra o homem voltado para aquilo que está diante e fora dele, o não-eu; o personalismo cede terreno ao universalismo. O materialismo leva à negação do sentimentalismo e da metafísica. O nacionalismo e a volta ao passado histórico são deixados de lado; o Realismo só se preocupa com o presente, com o contemporâneo(MOISÉS, 2003).

Há de se repensar, contudo, que as famílias com as quais atuamos estão sujeitas a determinações históricas e sociais. Portanto, não se encaixam num modelo pensado, incorreremos numa visão lacunosa, sem dúvida, se tomarmos como base apenas uma visão de família: "a família nuclear burguesa", sem considerar o momento histórico em que ela está inserida, suas crenças, valores e cultura. Poderemos cair num erro gravíssimo e posteriormente, adotar posturas inúteis e, sobretudo preconceituosas para com ela, pois os parâmetros que as sustentam são diferentes dos de quem a analisa na contemporaneidade.

Para Reis (1994), a família é importante tanto no nível das relações sociais, "quanto ao nível da vida emocional de seus membros." A família é mediadora entre o indivíduo e a sociedade; é nela que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. Conclui o autor que é na família que formamos nossa primeira identidade social, é nela em que aprendemos a nos referir no primeiro "nós". (p. 99).

A atitude para lidarmos com as famílias podem ser oriundas desta concepção de família, onde os papéis são bem definidos e uniformes.

Em tempos atuais, a família adquiriu contornos um tanto peculiares. Os valores e a educação parental de hoje são, completamente diferentes de há uns anos e com isso a vivência familiar também mudou. É curioso que o distanciamento entre os familiares começou a fazer parte dessas mudanças, em uma determinada altura.

A construção de indivíduos saudáveis, intelectual, moral, social e espiritualmente, por famílias de iguais características, por certo é um importante passo para que esse indivíduo seja um instrumento inovador e portador de ideias saudáveis na transformação da sociedade e conseqüente influência desta na construção de outras famílias. Segundo Cardoso (2011) é imperioso que a família se mantenha incólume às influências malélicas de uma sociedade moralmente doente, de modo que possa então exercer uma saudável influência nos cidadãos que compõem a sociedade.

Na obra *O Primo Basílio*, a sociedade é retratada por meio da estrutura familiar como se esta fosse uma miniaturização daquela, assim como a sociedade é a maximização das famílias. As formações familiares são profundamente influenciadas por velhos costumes e tradições, de modo que atualmente ainda se podem notar sua influência nas famílias pós-modernas.

2.2 Da velha à nova família: considerações sobre a estrutura familiar

Nas retrospectivas traçadas acerca da história da família, fala-se pouco das famílias pobres, como aponta Zamora (s/d). Podemos creditar tal fato a diferentes motivos ou a uma combinação entre eles. Em primeiro lugar, a família patriarcal, de certa forma, já incluía em sua estrutura grupos pobres que participavam de sua manutenção. Tais grupos, contudo, não eram tidos como famílias independentes, dedicando-se a servir ao grupo dominante. Desta forma, os grupos dominados estavam sempre "integrados" periféricamente à conservação do grupo legitimado como familiar.

Essa legitimação familiar tem também *funções de transmissão*: é através dela que se transmitem os bens duma geração a outra. As regras relativas à herança têm-se modificado profundamente. O direito de morgadio desapareceu e os bens materiais transmitidos são reduzidos pelos impostos do Estado. A transformação é particularmente nítida na transmissão para além do parentesco de 1.º grau: unicamente a família (conjugal é, em certa medida poupada. A transmissão do nome continua a ser patrilinear; mas o berço familiar pode ser o da família da mulher. A transmissão da cultura continua a ser uma função importante da família, ainda hoje, apesar do papel da escola, dos «mass media», da imprensa, etc. Essa função está intimamente ligada ao meio social no qual a família se insere.

Arelado aos valores e ao meio no qual a família está inserida, surgiu no século XIX o Realismo, um novomodelo cuja característica marcante é não mascarar a realidade. Assim, há uma estreita relação entre as relações económicas da família e seu poderio social, conforme aponta Zamora (s/d)

3. O REALISMO

O Realismo é considerado uma reação contra tudo que se identificava com o Romantismo. Seu surgimento em Portugal se deu na segunda metade do século XIX, época em que o mundo passava por grandes transformações de ordem política, social e ideológica. Após a Revolução Industrial, houve na Europa Ocidental e nos Estados Unidos um rápido desenvolvimento e crescimento do sistema capitalista.

Segundo Massaud Moisés, sempre houve *atitudes* realistas na arte, desde o seu surgimento, mas no final do século XIX, surge o Realismo como *moda*, como estética literária, representando um momento específico e diferenciado da história das literaturas europeias e americanas (Moisés, 1997, p.165).

A arte deveria funcionar como espelho da realidade, deveria mostrar a sociedade burguesa em sua corrupção moral, daí a busca da objetividade e da insenção por parte do autor. Por isso, os autores queriam que a sua obra fosse um retrato fidedelho contexto social, procuravam retratar personagens de diversas camadas sociais, exibindo e denunciando a decadência da sociedade da época. O objetivo era, de fato, a denúncia, a exposição dos males da sociedade sem remediá-los e o ataque, principalmente à classe burguesa. Recorriam frequentemente ao humor sarcástico, tal como já se fazia muito antes na literatura, seguindo a antiga ideia “*ridendo castigat mores*” (rindo, corrigem-se

os costumes), o humor como denúncia das mazelas da sociedade, a exemplo do que em Portugal fizera Gil Vicente em seu teatro na Idade Média. O Realismo, abraçando o determinismo e o cientificismo em voga, criticava a família pequeno burguesa de sua época, mostrava seus deslizes e seus bastidores mais sórdidos, para comprovar que o meio, as circunstâncias e a carga genética dos seus indivíduos levavam-nos a se comportar de tal modo.

3.1 Eça de Queirós

José Maria Eça de Queirós nasceu em 1845. Ele é produto do seu tempo. Embora tenha sido um representante da época em que viveu, produziu uma literatura transgressora, atingindo a atualidade de forma vivaz, fato que lhe permite ser até hoje centro de discussão da crítica literária. Beatriz Berrini, (1982, p. 48), uma das maiores representantes da crítica eciana no Brasil, considera este autor “um artífice que ignorou o fluir do tempo e tem mais a ver com a eternidade”.

Eça de Queirós foi um dos maiores prosadores da Língua Portuguesa, exercendo grande influência em Portugal e no Brasil até a atualidade (Moisés, 1997). *O Primo Basílio* (1878), que tem por subtítulo “*Episódio Doméstico*”, aponta o interesse do autor: a família; possuía uma finalidade ética e social a atingir o leitor. Nele, percebemos claramente, o objetivo social, altruístico, com intuítos essencialmente morais. Eça, como crítico, muitas vezes impiedoso, da sociedade portuguesa, sentiu a necessidade de reformas sociais, conforme confessou em carta a Teófilo Braga:

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe como num espelho que triste eles formam – eles e elas. É o meu fim nas “Cenas da Vida Portuguesa”. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com respeito às instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo? (QUEIRÓS. Carta a Teófilo Braga In posfácio a O primo Basílio. 1977, p. 298)

Em *O Primo Basílio*, segundo Moisés (2001, p. 195) Eça:

Penetra no recesso dum lar burguês pretensamente sólido e feliz, e nele descobre a existência de igual podridão moral e física; um matrimônio efetuado ‘no ar’ por Luísa, uma adolescente tonta de todo e cheia duma vida imaginativa e vegetativa, revela-se frágil com o afastamento do marido Jorge [...], e a chegada do sedutor, o primo Basílio; formado o banal trio amoroso, o núcleo da organização burguesa, o casamento, deixava-se atingir mortalmente pelo adultério.

Esse lar burguês, aparentemente feliz, facilmente abalado, “desmascarado” e destruído é o de que trataremos no item seguinte.

4. O PRIMO BASÍLIO: ANÁLISE E DISCUSSÕES.

Como mencionamos anteriormente, o foco da análise aqui apresentada é a família pequeno burguesa de Jorge e Luísa, casados há três anos e sem filhos, “uma tristeza secreta de Jorge”(QUEIRÓZ, 1997, p. 35) . Na análise, buscamos resposta ao questionamento quanto: ao relacionamento de ambos os cônjuges; ao comportamento de Luísa durante a ausência do marido; a parcela de culpa do marido na traição da esposa; até que ponto a traição revela o caráter daquela família enfim, como se configura isso na visão eciana. Basicamente, os nossos comentários girarão em torno das personagens: Luísa, Juliana, Basílio e Jorge.

Os personagens de Eça de Queirós em *O Primo Basílio*, são caracterizados externa (físico, gesto, voz, atitudes e roupas) e internamente (pensamentos, reações e emoções). Para analisarmos a obra e a família de Jorge, personagem principal, é preciso que tenhamos informações pertinentes aos personagens mais relevantes da trama. Alguns personagens estão destituídos de força moral e de caráter, outros, como personagens da vida real, têm também vícios, vicissitudes e histórias comuns. O Conselheiro Acácio que representa o formalismo oficial, mantém um relacionamento secreto com sua criada Leopoldina.

Luísa é considerada pelo marido como ” muito boa dona de casa; tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho[...] veio dar à sua casa um encanto sério.” (QUEIRÓZ, 1977, p. 11)

Pouco tempo depois do casamento, ainda sem conhecer o “temperamento plácido de Jorge, acreditou, e isso mesmo criou uma exaltação no seu amor por ele. Era

13

o seu tudo, - a sua força, o seu fim, o seu destino, a sua religião, o seu homem!” .
(*idem, ibidem*, p 17).

Basílio fora o primeiro namorado de Luisa.”Tinha ela então dezoito anos. Ninguém o sabia, nem Jorge, nem Sebastião” (QUEIRÓZ, 1997. p. 14). Quando Sebastião o conheceu, achou-o um asno, com maneiras afetadas, um alambicado. Na opinião de Julião, amigo de Jorge, Basílio quer o prazer sem a responsabilidade! (*id. ibid.* p. 91)

Luísa transformou o sonho das aventuras amorosas dos livros que costumava ler em realidade ao reencontrar seu antigo namorado de adolescência e teve a chance de se aventurar, mas quando percebeu que nem tudo era como nos livros acabou se decepcionando.

“— *Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo — a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio!*” (QUEIROZ, p. 57)

Juliana, a empregada da casa de Luísa, é o retrato da pessoa amarga, desconfiada, invejosa. “Andava à busca de um *segredo*, de um *bom segredo!* Se lhe caía um nas mãos” (QUEIRÓZ, 1977, p. 53). “[...] Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa.[...] dormia num cubículo abafado; ao jantar não lhe davam vinho, nemsobremesa; o serviço dos engomados era pesado; Jorge e Luísa tomavam banho todos os dias e era um trabalhão encher, despejar todas as manhãs as bacias de folha[...]
(*idem, ibidem*, p. 56).

As ações se passam em Lisboa, mas predominantemente em casa, onde chegam através das conversas, por ocasião das costumeiras reuniões em casa de Jorge, algumas novidades que ocorrem na política e nas artes. Até a viagem de Jorge e o aparecimento de Basílio, a vida daquela família segue uma rotina plácida, fornecendo ao leitor uma visão de aparente felicidade.

Aos poucos as ações, as falas dos personagens vão evidenciando o declínio da estrutura familiar. Luísa vivia um casamento morno com seu marido, o engenheiro Jorge, pois não o amava verdadeiramente. Apega-se às fantasias românticas, fruto de

suas leituras adocicadas de romances de Walter Scott ou de Alexandre Dumas Filho ou

14

as sugeridas nas conversas com sua “devassa” amiga Leopoldina, cuja amizade desagradava a Jorge, mas ela contraria suas ordens e passa a vê-la:

Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luísa vestia-se para ir à casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse não havia de gostar. Mas estava tão farta de estar só! Aborrecia-setanto! De manhã ainda tinha os arranjos à costura, a toalete, algum romance... Mas de tarde!.” (QUEIRÓS,1997, p. 39)

No meio de um verão sufocante, durante o qual Jorge fez uma viagem de trabalho, Luísa recebeu a visita de um primo rico, Basílio, ex-namorado, agora vivendo em Paris, cidade idealizada nos seus sonhos românticos e este passa a ser o elemento desarticulador daquela aparente felicidade.

Tornam-se amantes em pouco tempo, encontrando-se frequentemente em um quarto alugado especialmente para esse fim. O romantismo e a ingenuidade de Luísa ficam evidentes na sua atitude diante das cartas a ele enviadas por Basílio. A sensação que elas lhe provocam e a ilusão de sentir-se amada por ele ajudam-na a prosseguir no relacionamento:

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saiam delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido sentiam um acréscimo de estima de si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim uma existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, a alma se cobria dum luxo radioso de sensações! ”(QUEIRÓS, 1997, p.119)

Na realidade, Luísa não sabia distinguir o amor da razão e o compromisso moral como esposa, pondo a satisfação do seu desejo sexual, o adultério acima da estrutura familiar até então resguardada. Logo a criada Juliana descobriu o relacionamento e interceptou a correspondência da patroa, escondendo as cartas comprometedoras de Basílio a Luísa. Nesse momento, associamos essa atitude de Juliana, como uma tentativa de moralização de costumes; ela quer se promover, mas ao mesmo tempo o autor sugere que comportamento como o de Luísa merece ser descoberto e é digno de

uma punição ética e moral, como foi a opinião exteriorizada por Jorge a respeito da personagem adúltera da peça, *Honra e Paixão*, que estava sendo escrita por Sebastião.

15

Contudo, é graças às discussões em torno do desfecho dessa peça, que o narrador sinaliza o perdão que Jorge concederá à Luísa.

Por outro lado, a atitude de Juliana é também antiética; ela é movida por motivos fúteis e mesquinhos, mas a chantagem da empregada à patroa é a ocasião de o autor revelar a chaga social da exploração aos empregados domésticos e de lembrar que a relação de subserviência do empregado ao patrão pode ser alterada. Não podemos esquecer que as ideias de Proudhon e Hegel começaram a circular nessa época.

Luísa vem a perceber que, na verdade, Basílio só queria uma aventura, não a amava como havia imaginado ou o quanto dizia nos bilhetes amorosos. Sua indiferença é assim descrita pelo narrador:

Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a volvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trêmulas como as de um velho!... Já não se arremessava para ela, mal ela aparecia à porta [...] e parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir... e pensava em Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!,, e já pensava um pouco que sacrificava a sua tranquilidade tão feliz a um amor bem incerto [...] (QUEIRÓS, 1997, p. 145-146)

Com medo de ser desmascarada, Luísa foi cada vez mais envolvendo-se em mentira e em desespero. Sujeitou-se a todas as humilhações impostas por Juliana, uma vez que não tinha tanto dinheiro para satisfazer às exigências dela. Pediu-o a Basílio, mas este, já entediado das relações com Luísa e também sem dinheiro, regressou apressadamente à França.

“O trem rolou. Era o nº 10... Nunca mais o veria! Tinham palpitado no mesmo amor, tinham cometido a mesma culpa. – Ele partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura: ela ficava, nas amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo!” (QUEIROZ, p. 123)

Finalmente, com a chegada de Jorge, a situação complicou-se ainda mais. Luísa mostrava-se mais carinhosa para com ele e gostava de estar a seu lado, em sua companhia. Com o esforço de salvar o seu segredo, começou a ficar abatida, sem

apetite, doente, fato que preocupou Jorge. Numa tentativa de solucionar o problema, Luísa contou tudo a Sebastião, um amigo de Jorge que, com a ajuda de um ‘polícia’ seu

16

conhecido, conseguiu tirar a carta das mãos da criada. Esta, assustada pela inesperada interpelação, sofreu um ataque cardíaco e morreu. O sucedido encheu de alegria Luisa, que julgava ver acabados os seus tormentos.

Mas o destino não quis que assim fosse. Basílio, que havia recebido na França uma carta dela a pedir-lhe dinheiro, mais uma vez, responde-lhe muito tempo depois. O trecho abaixo transcrito, lido por Jorge, revela a traição de Luísa:

[...] Vejo pela tua carta que não acreditaste nunca que minha partida fosse motivada por negócios. És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, todas as ilusões sobre o amor, porque foi realmente quando saí de Lisboa que percebi quanto te amava, e não há dia, acredita, em que me não lembre do Paraíso [...](QUEIRÓZ, 1997, p. 271-272)

Este é o ápice do enredo, pois o marido enganado cobra explicações à esposa, enquanto ela, não tendo como negar, vendo-se desmascarada, tem uma crise de consciência, uma recaída do peso da culpa pelos erros que cometeu, piora e não resiste à morte.

Curiosamente, Basílio e Jorge não se encontram. Sua entrada e saída do cenário da narrativa tem a duração da ausência de Jorge em Lisboa, o que favorece por parte deste o desconhecimento da traição e o seu sofrimento ao tomar conhecimento da ocorrência: “E as solitudes dela, então, as interrogações mudas do seu olhar inquieto faziam-no mais infeliz – por se sentir amado, agora que se sabia traído” (QUEIRÓZ, 19777, p. 277) Também, Jorge não se questiona, nem sente culpa alguma pelo acontecido. Ele a amava, sempre lhe foi fiel e a perdoou.

Após a sua morte, Jorge abandonou a casa onde haviam vivido. Algum tempo depois, Basílio volta a Lisboa e procura a prima. Ao ver a casa fechada, ele foi informado de que Luísa falecera. Basílio respondeu com uma indiferença impiedosa notícia. Aquele romance extraconjugal nada representou para ele.

Podemos associar a morte da personagem principal a uma reparação moral diante dos graves erros que cometeu ao deturpar sua família nobre, pequena e feliz.

A força de O Primo Basílio, contudo, não provém de sua trama, mas do poder de reparação moral e social. Durante todo o tempo, Basílio é mostrado como figura superior a Luísa, forte indício do patriarcalismo da época, na qual ao homem quase tudo

17

era permitido e às mulheres reserva-se um lugar de dependência e de fraqueza, necessitando de um homem a orientá-la.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Eça de Queirós é uma obra que mostra pontos frágeis das relações sociais da época e, sobretudo, da família. Mostra as falsas bases em que é constituída: casamento de conveniência, em que prevalece o egoísmo e o comodismo dos parceiros levando uma vida bem monótona e entediante. O autor mostrou detalhes que tornam a obra repleta das mais variadas características realistas, a temática do adultério é uma delas, pois ao contrário do Romantismo em que as pessoas eram idealizadas, a família no romance é vista sem fantasias a personagem principal, Luísa e estruturada como produto do meio permissivo e da educação romântica que a conduz a novas sensações amorosas com o primo Basílio e ao conseqüente adultério, tema tão ao gosto dos escritores da época..

Mostra a postura conservadora e moralizante de Jorge, na tentativa de proteger a integridade familiar, buscando incutir, sem resultado, seus princípios morais à Luísa quanto à sua amizade com Leopoldina. Fica evidenciada a fragilidade da família daquela época bem como a convivência da sociedade ao jogo de aparências, mostrado ao longo da obra, bem como a fraqueza de caráter da esposa. Diferentes estratos sociais são mostrados e fica ainda evidente o conflito patrão e empregado (Luísa e Juliana), bem como o meio usado pelo oprimido para livrar-se da opressão.

Como corretor dos costumes, coube ao autor aplicar o castigo à personagem transgressora, verificando-se mais uma vez a condição discriminadora da sociedade à mulher, em que apenas ela é punida enquanto o homem, o corruptor, não sofre nenhuma penalidade. Durante todo o romance houve uma crítica à mulher acéfala daquela época, que não se preocupava com nada e não tinha ocupações nenhuma, por isso, conduzida

ao adultério.

18

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História Social da Literatura Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BELLINE, Ana Helena. **ROTEIRO DE LEITURA: O primo Basílio de Eça de Queirós**. São Paulo: Ática, 1997.

BERRINI, Beatriz. **Portugal de Eça de Queiroz**. Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 1982

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32ª ed. São Paulo. SP: Cultrix, 2003.

QUEIRÓS, Eça. **O Primo Basílio**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SANTIAGO, Silviano. “Eça, Autor de Madame Bovary”. In: **Uma Literatura nos Trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978, (p. 49-65).

VECHI, Carlos Alberto et al. **A literatura portuguesa em perspectiva: romantismo-realismo**. V. III. São Paulo, Atlas, 1994.